

## **A vassoura**

Do livro “O Vampiro de Niterói”

Carlos tinha finalmente conseguido um emprego. Não era lá essas coisas, mas na situação atual, onde as empresas enriquecem e os empregos desaparecem, qualquer um servia. A empresa era uma dessas contratadas pela Prefeitura para fazer a limpeza de suas repartições, e, a sua função, era manter as salas limpas. Era o seu primeiro dia de trabalho e Carlos queria agradecer, mas a vassoura não ajudava, estava quase sem nenhuma piaçaba. Quando chegou, de manhã cedo, o homem que lhe mostrava o serviço, tinha avisado que qualquer problema procurasse o chefe. Disse isso e apontou para uma mesa vazia. Estava certo, era ainda cedo, mas agora lá estava o chefe, um daqueles burocratas clássicos no mundo dos servidores públicos. Na ânsia de fazer o melhor, resolveu falar com ele.

– Senhor, desculpe incomodar, mas esta vassoura está quase careca. Vai ser muito difícil mantermos as salas limpas usando esta vassoura.

O chefe abaixou o jornal para poder ver melhor a vassoura.

– Faça um relatório justificando a aquisição de uma nova vassoura – falou e esticou para o pobre Carlos um pedaço de papel. Mais não disse, enquanto já voltava a leitura do jornal, afinal era segunda-feira, as notícias de esporte tomavam conta da sua atenção.

Carlos já quase que estava arrependido de ter ido reclamar. Escrever era muito pior do que varrer. Com muita dificuldade conseguiu redigir um texto, mostrando porque ele precisava de uma vassoura nova para fazer bem o seu trabalho. Entregou ao chefe da seção. Ele exigiu que datasse e assinasse. Assim foi feito.

– Vou fazer uma pequena modificação. Ninguém vai comprar uma vassoura. Mesmo porque o processo de compra é demorado e temos que manter um estoque – pegou o papel e acrescentou o número nove ao lado do número um. Agora eram dezenove vassouras que iriam ser compradas.

Carlos tentou argumentar que dezenove vassouras era um número excessivo, mas ficou com medo de ser mal entendido. Ficou quieto e voltou ao seu trabalho, que era varrer as salas, mesmo com uma vassoura careca. O chefe pediu que a secretária fizesse um memorando ao chefe de divisão pedindo a compra das novas vassouras. O chefe de divisão, ao receber o pedido, decidiu consultar aos outros chefes de seção. Talvez outros também precisassem de vassouras, e assim fazia um único pedido. Precisava ser eficiente e objetivo. Um mês depois conseguiu juntar todos os pedidos, pois alguns estavam de férias, outros perderam o memorando. Acrescentou uma margem de segurança de cinquenta por cento, poderia haver um erro, e era melhor trabalhar com um recurso contingencial. Consultou alguns fornecedores, com o intuito de garantir a sua comissão, e foi aconselhado a aumentar um pouco o pedido. Tudo acertado, chamou a secretária e pediu que fizesse um memorando ao gerente pedindo a

aquisição urgente de duzentas vassouras, para resolver problemas seríssimos de limpeza. A gerência ficava em outro prédio. Ao receber o pedido o gerente resolveu também consultar os outros chefes de divisão, e mais um mês se passou. Margem de segurança outra vez acertada e comissão apalavrada, assinou o memorando à diretoria pedindo a aquisição de duas mil vassouras de piaçaba. Agora era só esperar a diretoria autorizar.

Um dia, depois de meses sofrendo para manter as salas limpas com sua vassoura careca, Carlos viu um caminhão parar na porta do prédio e descarregar dez mil vassouras. Era vassoura que não acabava mais. Não entendeu direito o que estava acontecendo, e nem procurou entender, mas ficou feliz porque nunca mais ia varrer com uma vassoura careca. O seu trabalho agora podia ser bem feito. Saiu correndo atrás do chefe para garantir a sua tão esperada vassoura.

– Fica quieto. Nem toque neste assunto. Mudou a diretoria e foi aberto um inquérito para saber quem pediu esta compra exagerada. Vamos aguardar os acontecimentos. Ninguém fala em vassoura nesta seção – o chefe estava quase que escondido atrás dos jornais falando entre os dentes para que ninguém mais ouvisse o diálogo.

Carlos não entendeu nada, a sua lógica era mais simples, apenas queria uma vassoura para limpar as salas sujas, fazer o seu trabalho com dignidade, e num porão estavam guardadas dez mil vassouras que não podiam ser usadas. Mais espantado ainda, ficou, quando, um mês depois, viu parar outro caminhão, e levar embora as dez mil vassouras. Ninguém sabe para onde foram. Talvez para um lugar bem distante onde ninguém pudesse vê-las. O chato é que era difícil varrer com uma vassoura quase sem fios de piaçaba. Improvisou alguns pedaços de barbante com uns panos velhos e criou uma vassoura que dava para melhorar o seu trabalho. Não reclamou, mesmo porque queria manter o seu emprego, e assim continuou tentando limpar as salas.

Um dia o novo diretor apareceu para fazer uma visita à seção. Quando viu Carlos limpando o chão com aquela vassoura cheia de pedaços de barbante e panos ficou indignado.

– Ninguém pode trabalhar com uma vassoura neste estado!

– O senhor está certo, vamos fazer imediatamente um pedido de compra – tentou agradar o chefe de seção – aquele que gostava muito de ler os jornais, mas que naquele momento solene tinha guardado a sua leitura na gaveta da mesa limpa.

No dia seguinte ele chamou Carlos e pediu que fizesse um relatório justificando a compra de uma nova vassoura. Entregou o pedaço de papel e continuou lendo o jornal. Carlos já tinha aprendido como as coisas funcionavam na repartição. Afinal lá se iam alguns meses de trabalho digno. Jogou o papel no lixo, e, com o dinheiro do próprio bolso, comprou uma linda vassoura de piaçaba, que passou a exibir com orgulho pelos corredores. Problema resolvido e salas limpas, chegou até a se arrepender de não ter feito isso antes.

Quando os auditores chegaram e viram Carlos com uma vassoura nova, foram para cima dele. Queriam saber do seu envolvimento com a máfia das vassouras.

– É muita sujeira. Todos estão envolvidos. Desde os mais altos escalões até o pessoal de baixo. Precisamos limpar o serviço público dessa imundice.

– Onde estão as dez mil vassouras?

– Que vassoura nova é esta?

– Como você teve acesso ao estoque de vassouras, se todos estão proibidos de usar vassouras novas? – os auditores cercavam Carlos com perguntas indignadas. Um deles sacudia o relatório escrito numa folha simples de papel, com erros de português, pedindo a compra de dez mil vassouras. Carlos nem tentou entender como o seu pedido de uma vassoura agora tinha crescido tanto.

– Eu apenas pedi uma vassoura nova – tentou se justificar.

No dia seguinte estava despedido. Só não foi preso porque conseguiu encontrar o recibo provando que tinha comprado a vassoura com dinheiro do próprio bolso. Os auditores se indignaram com a sua safadeza arranjando um recibo falso, mas nada puderam fazer. O pobre Carlos saiu, e nem a vassoura conseguiu levar com ele, pois foi levada como prova do crime.

Nas bancas de jornais estavam as manchetes: *Desbaratada a máfia da vassoura na Prefeitura. Rapaz da limpeza comandava todo o esquema.* E muito mais era mostrado. Até uma foto do pobre Carlos aparecia numa das folhas centrais. O jornaleiro, perto da casa da favela onde morava, olhou indignado para aquele homem que sempre parava na sua banca a caminho do trabalho.

– Quem diria? Parecia tão honesto – comentou a moça da casa ao lado da sua quando ele voltou triste, no final da tarde, sem saber o que fazer da sua vida. Ele não entendia como tinha sido punido por querer trabalhar. Melhor fazia o seu colega de trabalho, aquele que apenas fingia trabalhar. Ninguém se incomodava com ele que continuava com o seu emprego. Bem que o seu avô falava que a vida na cidade grande era complicada. No dia seguinte, Carlos Silva juntou as suas poucas roupas, colocou numa mala e voltou para a pequena cidade do interior do Ceará onde morava. Era melhor passar fome na seca do que viver naquele mundo confuso da cidade grande.